



© 2020 by Editora Bordô-Grená  
Copyright do Texto © 2020 Os autores  
Copyright da Edição © 2020 Editora Bordô-Grená

TODOS OS DIREITOS GARANTIDOS. É PERMITIDO O DOWNLOAD DA OBRA, O COMPARTILHAMENTO E A REPRODUÇÃO DESDE QUE SEJAM ATRIBUÍDOS CRÉDITOS DAS AUTORAS E DOS AUTORES. NÃO É PERMITIDO ALTERÁ-LA DE NENHUMA FORMA OU UTILIZÁ-LA PARA FINS COMERCIAIS.

*Editora Bordô-Grená*  
https://www.editorabordogrena.com  
bordogrena@editorabordogrena.com

*Projeto gráfico:* Gislene Alves da Silva  
*Capa:* Keila Lima de Assis  
*Editoração e revisão:* Editora Bordô-Grená

DADOS INERTANCIONAIS DE CATALOÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecário responsável: Roberto Gonçalves Freitas CRB5-1549

E79

*O estágio curricular supervisionado nos cursos de licenciaturas:*  
[Recurso eletrônico]: desafios e perspectivas / Organizadora  
Elaine dos Reis Soeira. – Catu: Bordô-Grená, 2020.

2707kb, 255fls.il:

Livro eletrônico  
Modo de acesso: Word Wide Web  
<[www.editorabordogrena.com](http://www.editorabordogrena.com)>

Incluem referências

ISBN: 978-65-87035-19-2 (e-book)

1. Professores - Formação. 2. Práticas Pedagógicas. 3.  
Licenciaturas. Título.

CDD 370.710981

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO <i>Elaine dos Reis Soeira</i>	09
É PRA COPIAR?: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A INFLUÊNCIA DAS CRENÇAS DE ALUNOS ACERCA DAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA <i>Jadson Lima J. da Silva e Lenilza Teodoro dos S. Mendes</i>	11
ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: CONSTRUINDO ELOS FORMATIVOS A PARTIR DO SER CRIANÇA <i>Alana Rodrigues Rigão, Fernanda Torres Andrade e Fernanda Figueira Marquezan</i>	23
GINCANA TERMODINÂMICA: CONTRIBUIÇÕES DO LÚDICO NO ENSINO MÉDIO <i>Jánaina V. Carneiro, Cleusa Maria M. Gonçalves e Jéssica Maria Batista</i>	41
O ENSINO DE MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO NÃO-OBRIGATÓRIO <i>Amanda Cristine L. Marques, Letícia Luzia de O. Moura e Eraldo de S. Ferraz</i>	58
O PANORAMA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA TRANSFORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUAS SEGUNDO A PERCEPÇÃO DE SEUS DISCENTES <i>Letícia Fernanda C. de Oliveira e Karina Aires R. F. Couto de Moraes</i>	76
RELATOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO DURANTE A FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE <i>Siomara Cristina Broch, Fernando C. Padilha e Francieli P. Gomes Padilha</i>	94
ESTÁGIO SUPERVISIONADO: EXPERIÊNCIAS PERTINENTES À PRÁTICA DOCENTE DO LICENCIANDO EM MATEMÁTICA <i>Jamilly Souza Tenorio e Givaldo Oliveira dos Santos</i>	114
ESTÁGIO SUPERVISIONADO: PROFESSORES DE PORTUGUÊS FORMANDO FUTUROS PROFESSORES DE PORTUGUÊS <i>Marcus Vinicius Pereira das Dores</i>	123
O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: REFLEXÕES TEÓRICO-PRÁTICAS DA DOCÊNCIA EM LÍNGUA PORTUGUESA NO ÂMBITO DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALAGOAS (IFAL) <i>Ricardo Jorge de Souza Cavalcanti</i>	133

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E O SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DOCENTE A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES DE CURSOS DE LICENCIATURA <i>Elaine dos Reis Soeira</i>	146
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA NA AMAZÔNIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES <i>Maria Gorete R. Cardoso, Kelly Cristina M. Gaignoux, Sergio Wellington F. Chaves e Maria da Conceição Azevêdo</i>	160
PESQUISA E ESTÁGIO: CAMINHOS TRILHADOS NA VIVÊNCIA FORMATIVA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UESB <i>Socorro Aparecida C. Pereira e Deborah da Silva Santos</i>	180
LEITURAS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO DOS RELATÓRIOS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE LETRAS <i>Nataly Lemes Valdez e Mariangela Garcia Lunardelli</i>	200
O PROJETO CEL COMO CAMPO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA INGLESA NO CURSO DE LETRAS DO IEAA <i>Silvana Mota Ferreira, Laura Miranda de Castro e Claudimar Paes de Almeida</i>	219
ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NA FORMAÇÃO DO MESTRE EM EDUCAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA <i>Elaine Gonçalo Bento</i>	239
SOBRE OS AUTORES E AUTORAS	252
SOBRE A ORGANIZADORA	259

# ESTÁGIO SUPERVISIONADO: PROFESSORES DE PORTUGUÊS FORMANDO FUTUROS PROFESSORES DE PORTUGUÊS

Marcus Vinícius Pereira das Dores

Não é só frequentando um curso de graduação que um indivíduo se torna profissional. É, sobretudo, comprometendo-se profundamente como construtor de uma práxis que o profissional se forma". (FÁVERO, 1992, p. 65)

## INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é uma das muitas disciplinas que compõem a grade curricular de qualquer curso de graduação que tem por objetivo a formação de professores. Segundo Decreto de nº 87.497, de 18 de agosto de 1982, artigo 2º:

Considera-se estágio curricular, para os efeitos deste Decreto, as atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas ao estudante pela participação em situações reais de vida e trabalho de seu meio, sendo realizada na comunidade em geral ou junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado, sob responsabilidade e coordenação da instituição de ensino.

(Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d87497.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d87497.htm)>.

Acesso em: 25 de julho de 2016.)

O decreto nos leva a algumas reflexões: em que consiste, de fato, o estágio supervisionado? Qual sua função dentro de um curso de licenciatura? Ele é, realmente, um potencializador, capaz de fazer com

que o desejo de ser professor seja reafirmado? Essas questões emergem também a partir do momento em que os alunos vão se deparar com essa nova etapa, em que conhecerão, em partes, a sua futura realidade de trabalho. Segundo Pimenta e Lima (2004, p. 111-112),

[a]o transitar da universidade para a escola e desta para a universidade, os estagiários podem tecer uma rede de relações, conhecimentos e aprendizagens, não com o objetivo de copiar, de criticar apenas os modelos, mas no sentido de compreender a realidade para ultrapassá-la. Aprender com os professores de profissão como é o ensino, como é ensinar, é o desafio a ser aprendido/ensinado no decorrer dos cursos de formação e no estágio.

Desse modo, a observação e a participação atuante, dentro da escola, fazem-se necessárias uma vez que será por meio dessas atividades que os alunos dos cursos de licenciatura serão expostos, pela segunda vez, já que eles um dia também foram alunos do ensino básico, à realidade escolar, sendo possível (re)conhecer e (re)explorar tal ambiente. Cabe retomarmos aqui as palavras, sem dúvidas brilhantes, de Arendt (2000, p. 274):

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vida dos novos e dos jovens.

Arendt (2000, *op. cit.*) nos leva a refletir se, ao optarmos por trabalhar com a prática docente, realmente amamos o mundo a ponto de assumirmos essa responsabilidade? Assim, somos, talvez, um dos responsáveis pela formação do aluno enquanto cidadão em um processo contínuo, em que ele aprende e se renova a cada instante. Mais adiante, a autora reforça que:

[a] educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las (*sic*) de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco de suas

mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (ARENDDT, 2000, p. 274)

Portanto, a realização do estágio torna-se fundamental para que os alunos, enquanto futuros professores, possam enxergar os seus lugares dentro do ambiente escolar, reafirmando os seus desejos, trabalhando, assim, para alavancar a educação.

Outro fator a ser destacado é que o estágio permite ao estagiário observar questões de cunho sociolinguístico. Permite também que o estagiário verifique a realidade dos alunos, bem como seu convívio social juntamente com a comunidade – tanto escolar quanto familiar. Assim, a partir da observação inicial do ambiente escolar, é possível perceber como essas realidades são transpostas para a sala de aula, tentando-se estabelecer as relações entre os sujeitos que as constituem, interrelacionado comunidade escolar, familiar etc.

Ao adentrar o ambiente acadêmico, o estagiário conhece, em um primeiro momento, a realidade escolar apenas em teoria. Isso não quer dizer que aquela realidade, aquele ambiente de sala de aula, seja totalmente desconhecido, pois uma vez alunos, eles são capazes de reconhecer muito bem aquele território. Todavia, a partir do momento em que o estágio começa a ser realizado, os olhares dos estagiários sobre o ambiente escolar mudam: naquele momento, eles deixam o lugar, às vezes confortável, de aluno e passam a assumir aquele de professor. Nesse sentido, o estágio pode colaborar a essa nova perspectiva.

Contudo, como observado por Tardif (2012), há alguns problemas em relação à formação dos professores. Esses se referem àqueles epistemológicos do modelo universitário de formação:

Os cursos de formação para o magistério são globalmente idealizados segundo um modelo aplicacionista do conhecimento: os alunos passam um certo número de anos a assistir às aulas baseadas em disciplinas e constituídas de conhecimentos posicionais. Em seguida, ou durante essas

aulas, eles vão estagiar para “aplicarem” esses conhecimentos. Enfim, quando a formação termina, eles começam a trabalhar sozinhos, aprendendo seu ofício na prática e constatando, na maioria das vezes, que esses conhecimentos proposicionais não se aplicam bem na ação cotidiana. (WIDEEN et al., 1998, *apud* TARDIF, 2012, p. 270)

Tardif (2012, *op. cit.*) aponta dois problemas nesse modelo aplicacionista: 1) ele é idealizado segundo uma lógica disciplinar, e não segundo uma lógica profissional, centrada na realidade do professor e 2) crenças e representações anteriores, por parte dos alunos, não são consideradas por esse modelo.

Como visto, a formação docente tende a debruçar-se sobre questões teóricas, deixando relegadas questões voltadas à prática. O aluno passa boa parte de sua formação acadêmica analisando e discutindo teorias e documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e o Conteúdo Básico Comum (CBC), que nem sempre são facilmente aplicados em sala de aula, uma vez que o cotidiano escolar não é como o idealizado nos diversos manuais. Desse modo, o futuro docente poderá, única e efetivamente, ter contato com a realidade escolar a partir do momento em que passa a atuar não mais como estagiário, mas sim quando inserido naquele ambiente no papel de professor.

É do conhecimento dos estudiosos e pesquisadores da área (cf. CANDIDO, 1989; ZEICHNER, 1993; PIMENTA & GHEDIN, 2005; GUEDES, 2006; GOMES, 2015) que essas questões envolvendo a formação de professores precisam ser revistas, objetivando melhores oportunidades para que o futuro professor, enquanto estudante em processo de formação, conheça a realidade com a qual irá se deparar.

## O PAPEL DO PROFESSOR ORIENTADOR DO ESTÁGIO E DO PROFESSOR SUPERVISOR DO ESTÁGIO

Chamamos aqui de “professor supervisor do estágio” aquele docente que terá o papel de orientar o estagiário, de forma teórica e prática, nas suas diferentes necessidades em relação ao cumprimento das atividades curriculares, sejam elas disciplinas ou não, que o aluno de um curso de licenciatura precisa efetivar para concluir os seus estudos de graduação.

Pimenta e Lima (2004), no livro *Estágio e Docência*, elencam algumas responsabilidades dos professores orientadores de estágio:

- repensar os atuais campos de estágio, sem, deixar de privilegiar a escola como o espaço de atuação do pedagogo;
- estabelecer uma parceria entre a escola e a universidade, a partir de critérios, trocas e necessidades acadêmicas e pedagógicas negociadas, discutidas e estabelecidas em convênios firmados entre as IES e as secretarias de educação e instituições da sociedade;
- trazer para dentro da Universidade, como atividade do estágio supervisionado, a discussão da prática dos professores da escola pública, de forma mais sistematizada, como coformadora do estagiário, ou vice-versa, assegurando contribuições específicas e consistentes para as instituições envolvidas;
- buscar aproximar, cada vez mais, a semestralidade da universidade com o ano letivo da escola, de modo a estabelecer uma melhor articulação das atividades de intervenção pedagógica do estágio com o planejamento da escola e de seus professores;
- destinar um maior tempo para as vivências no campo de estágio;
- buscar uma maior conscientização nos formadores da universidade e da escola campo de estágio para a importância e o lugar do estágio na formação do educador;
- definir explicitamente no projeto político-pedagógico do curso a proposta pedagógica do estágio, apontando alguns

indicadores indispensáveis para o funcionamento: relação professor-estagiário; carga horária do professor de estágio; coordenação dessa atividade; infraestrutura para a realização de suas ações.

É claro que essas atribuições não são categóricas e, por isso, devem ser adaptadas ao contexto de cada instituição de ensino superior.

Já o professor supervisor é aquele responsável por acolher o estagiário em sua sala de aula seja para observar ou para conduzir alguma atividade. Esse profissional, que, muitas vezes, é visto como modelo a ser seguido ou não, desempenha um papel fundamental no percurso acadêmico do estagiário, visto que, segundo Bortolotto (2011, p. 11),

[f]ocando o olhar para a atuação do professor regente na sala de aula, há que se observar a interação entre o professor regente e os alunos, a metodologia adotada, as intervenções que propõe, as oportunidades que provoca para as negociações de turnos de conversação, os encaminhamentos de procedimentos disciplinares, as escolhas dos processos de avaliação etc.

Muitas vezes, o professor supervisor do estágio sofre duras críticas por parte dos estagiários, que não concordam com algumas práticas desse professor. O campo de estágio torna-se muito conflituoso quando ele deixa de ser um espaço de trocas e passa a ser um espaço de disputa de conhecimento. O bom estagiário, que futuramente será um bom profissional da educação, precisa saber reconhecer os problemas pelos quais passam o sistema de ensino. Alguns desses problemas são apontados por Geraldi e Citelli (2004), que reconhecem que os professores não têm liberdade para dar atividades que não estejam programadas. A liberdade de seleção de conteúdos ou métodos de ensino é restrita ao planejamento da própria escola. Muitos professores, mesmo sem recursos, mas com certa criatividade, desdobram-se no

manejo das limitações que se configuram não apenas como imposições da escola, mas de todo sistema de ensino brasileiro.

## A RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO

O estágio supervisionado é um momento propício para se observarem as diversas relações estabelecidas entre professor e aluno. A prática de ensino/aprendizagem é talvez o ponto mais imediato e duradouro na construção das identidades de alunos e professores. Por isso, pensamos que é de vital importância o teor do diálogo estabelecido com os alunos para um resultado positivo dos objetivos propostos, tanto em termos de conteúdo curricular, quanto de relações humanas.

Segundo os apontamentos feitos por Almeida Filho *apud* Oliveira (2016, p. 110-111):

[E]m um contexto de ensino-aprendizagem comunicativo, o professor deixa de ser o centro das atenções e passa a agir como mediador e incentivador do processo de aprendizagem. Consequentemente, o aluno passa a ter mais interesse pelas aulas, a participar e se envolver mais com a aula tornando-se cada vez mais autônomo e agente efetivo de sua própria aprendizagem.

Nesse sentido, o professor exerce uma função social muito ampla, que sem dúvida impacta não somente as relações do aluno com o conteúdo, mas com o próprio professor e, sobretudo, com a concepção de escola e educação.

Essas questões podem ser verificadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que abordam a importância da valorização do processo de aprendizagem como afirmação da qualidade do processo de ensino. Segundo esse documento, o aluno precisa ser tratado como sujeito da construção do seu aprendizado, tornando-se capaz de relacionar-se com os diferentes, em diferentes contextos e situações. A relação com o conhecimento deve ser estabelecida por meio de um processo de

interação entre a realidade em que o aluno vive e aquilo que está sendo aprendido. Os conteúdos, por sua vez, devem considerar sua relevância social e sua contribuição para o desenvolvimento intelectual do aluno, por isso merecem atenção especial da equipe escolar no momento de sua elaboração.

## APONTAMENTO FINAIS

É incontestável que a experiência vivenciada durante o estágio seja altamente enriquecedora na formação do futuro docente, pois ele, no momento da prática, enfrentará as dificuldades e satisfações da profissão. No estágio, o aluno tem a oportunidade de verificar que ser professor, de fato, requer dele algumas escolhas, como aponta Arendt (1997, op. cit.). Ao escolher a docência, o aluno deve ter a consciência de que é esse o momento em que saberá o quanto está disposto a vivenciar tudo que essa profissão oferece.

A prática e a observação permitem o futuro professor compreender e começar a pensar em questões que envolvem o processo educacional. Pensar em meios para que os alunos da escola básica tenham um maior interesse pela leitura, por exemplo, torna-se um grande desafio. Cabe aos profissionais da área da educação e aos futuros profissionais pensarem nessas questões, tentando criar meios para que esses problemas sejam erradicados ou, ao menos, tornem-se mais amenos.

Teria sido enfadoso, e até desgastante fazer deste texto apenas um espaço para sublinhar as volumosas carências que protagonizam o cenário educativo brasileiro. Além disso, incontáveis teorias já se ocupam dessa tarefa. Para se pensar educação, não há teoria que possa negligenciar a prática. O inextinguível processo de formação docente alimenta-se de diálogo e prática, que serve de alimento para o ofício do professor, por isso, o contato efetivo com o ambiente educacional é condição principal para os alunos de cursos de licenciatura.

Guedes (2012) afirma que a formação dos futuros agentes da educação, sobretudo dos professores, cada vez mais se afasta da verdadeira realidade encontrada nas escolas. Para muitos alunos – futuros professores –, o estágio representa, de fato, o primeiro diálogo entre teoria e prática, além de conceituar com mais precisão o próprio cenário social em que está inserida a instituição escolar – e outras tantas características específicas.

## REFERÊNCIAS:

ALMEIDA-FILHO, José Carlos Paes de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas: Pontes, 1998.

ARENDT, Hannah. A crise na educação. In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *PCN + Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/SEB, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>.

BORTOLOTTO, Nelita [et al.]. *Estágio supervisionado I e II*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1989.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A. Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão. In: ALVES, Nilda (org.) *Formação de professores: pensar e fazer*. São Paulo: Cortez, 1992. p.53-71. GOMES, Maria Lúcia de Castro. *Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa*. 2ª ed. Curitiba: Editora Intersaberes, 2015.

GERALDI, João Wanderley; CITELLI, Beatriz. *Aprender e ensinar com textos de alunos*. 6ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

GUEDES, Paulo Coimbra. *A formação do professor de Português: que língua vamos ensinar?* 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MENDES, Soélis Teixeira do Prado; LEAL, Maria Auxiliadora da Fonseca. Variações linguísticas: propostas de atividades para o ensino médio, com dados reais de língua. In: MENDES, Soélis Teixeira do Prado; ROMANO, Patrícia

Beraldo. (Orgs.). *Práticas de língua e literatura no ensino médio: olhares diversos, múltiplas propostas*. 1ª ed. João Pessoa: Ideia, 2012. p. 211-228.

OLIVEIRA, Ana Carolina Silva. *A influência do curso de Letras nas crenças do professor de língua estrangeira em formação*. Revista Caletrosópio. Mariana, v. 3, n. 5, 2016. p.107-120. ISSN 2318-4574. Disponível em: <<https://www.caletrosopio.ufop.br/index.php/caletrosopio/article/view/68>>.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e Docência*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). *Professor reflexivo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. In: *Saberes docentes e formação profissional*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

ZEICHNER, Kenneth. *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa, 1993.